

## A “MORTE” DO MAIOR SÃO JOÃO DO CERRADO: Deslocamento territorial e apagamento cultural em Brasília<sup>1</sup>

Maria Isabel Andrade<sup>2</sup>

Allan Sales<sup>3</sup>

Lana Araujo<sup>4</sup>

### RESUMO

Este trabalho analisa a mudança do tradicional evento “Maior São João do Cerrado” de Ceilândia para o Plano Piloto, ocorrida em 2025. A alteração do local, justificada por motivos logísticos e de maior visibilidade cultural, gerou questionamentos sobre a descentralização das manifestações populares no Distrito Federal. A principal problemática envolve a perda de protagonismo das regiões periféricas na realização de grandes eventos culturais, o que pode enfraquecer os vínculos identitários e comunitários construídos ao longo dos anos. O estudo propõe refletir sobre os impactos dessa mudança para a população de Ceilândia, especialmente no que diz respeito ao acesso, pertencimento e valorização das expressões culturais locais.

**Palavras-chave:** São João; Ceilândia; Plano Piloto; cultura.

### INTRODUÇÃO

O “Maior São João do Cerrado” consolidou-se como uma das mais relevantes manifestações culturais do Distrito Federal, sendo tradicionalmente realizado em Ceilândia, região administrativa marcada por forte presença nordestina e rica identidade popular. Em 2025, no entanto, o evento foi transferido para o Plano Piloto, centro político e administrativo de Brasília. Essa mudança gerou debates em torno da descentralização cultural e da apropriação de eventos periféricos por espaços considerados mais privilegiados.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado para o GT 2 - Folkcomunicação e Culturas Populares, integrante da 22<sup>a</sup> Conferência Brasileira de Folkcomunicação – Folkcom 2025, realizado de 29 a 31 de outubro de 2025.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação, 3º Semestre, do curso em Comunicação Organizacional da Universidade de Brasília – UnB, e-mail: alvesandrademariaisabel@gmail.com.

<sup>3</sup> Estudante de Graduação, 3º Semestre, do curso em Comunicação Organizacional da Universidade de Brasília – UnB, e-mail: comunicacaoallan@gmail.com.

<sup>4</sup> Estudante de Graduação, 3º Semestre, do curso em Comunicação Organizacional da Universidade de Brasília – UnB, e-mail: lana.araujo017@gmail.com.

A escolha deste tema se justifica pela necessidade de refletir sobre os impactos sociais, culturais e simbólicos que a mudança de localidade pode acarretar, especialmente para comunidades que historicamente encontraram nas festas populares uma forma de afirmação e pertencimento. A análise proposta neste trabalho busca compreender as motivações da organização do evento, as reações da população local e as possíveis consequências dessa alteração para a valorização da cultura nordestina no DF, bem como para a dinâmica entre centro e periferia no contexto das políticas culturais do território brasiliense.

## **HISTÓRICO DO SÃO JOÃO DO CERRADO**

Criado em 2007, o evento "Maior São João do Cerrado" surgiu como uma iniciativa cultural voltada à valorização das raízes nordestinas presentes em Ceilândia, uma das maiores e mais populosas regiões administrativas do Distrito Federal. Idealizado por Edilane Oliveira, o festival foi pensado como uma celebração da cultura nordestina, mas, ao longo dos anos, ganhou proporções nacionais e se consolidou como uma das maiores festas juninas fora de época do Brasil. Seu crescimento expressivo o posicionou como a terceira maior festa do tipo no país, atrás apenas de Caruaru, PE, e Campina Grande, PB.

O evento, inicialmente modesto, se transformou em um dos símbolos da cidade. Com o passar dos anos, passou a contar com uma estrutura robusta, incluindo palco principal para grandes shows, ilhas de forró, a Vila Borborema (espaço cenográfico que recria ambientes típicos do interior nordestino), parque de diversões, circo, coreto e praça de alimentação com comidas típicas. Em 2024, por exemplo, a arena montada ao lado do Estádio Abadião, em Ceilândia Sul, ocupou uma área de 60 mil metros quadrados e recebeu um público estimado em mais de 150 mil pessoas ao longo dos dias de festa. Além disso, foram gerados cerca de 1,5 mil empregos diretos, demonstrando não apenas a força cultural, mas também o impacto econômico positivo do evento para a região.

A importância sociocultural do "Maior São João do Cerrado" para a população de Ceilândia vai além do entretenimento. Trata-se de uma ferramenta potente de valorização da identidade local e da diversidade cultural presente nas periferias urbanas. Ceilândia, historicamente marcada por sua forte concentração de migrantes nordestinos, encontrou na festa uma forma de expressão, reconhecimento e pertencimento. O evento oferecia à

comunidade a oportunidade de se ver representada de maneira positiva, reafirmando tradições muitas vezes marginalizadas no contexto urbano do Distrito Federal.

Além da celebração do Nordeste, o evento foi abrindo espaço para outras expressões populares, como o hip-hop, o funk e as culturas periféricas locais, em uma proposta de integração e inclusão cultural. Um exemplo disso foi a homenagem feita em edições recentes aos 50 anos do hip-hop, demonstrando sensibilidade e abertura para as múltiplas vozes que compõem o cotidiano da periferia. Assim, o São João do Cerrado tornou-se também um palco para a diversidade e um ponto de encontro entre tradições e juventude urbana.

O caráter simbólico da festa é profundo. Ao acontecer em Ceilândia, e não no Plano Piloto ou em regiões centrais da capital, o evento reforçava a ideia de que a periferia também é produtora legítima de cultura, memória e identidade. Essa descentralização das manifestações culturais foi fundamental para romper com a lógica que concentra os grandes eventos nos espaços mais privilegiados da cidade. Ao ocupar o espaço público com arte, música e tradições populares, o São João do Cerrado transformou-se em uma plataforma de afirmação e resistência cultural.

Diante da recente decisão de transferir o evento para o Plano Piloto, surgem questões relevantes sobre os impactos dessa mudança na relação entre cultura e território. Embora se argumente que a nova localização permitirá maior visibilidade e acesso, existe o risco de esvaziamento simbólico da festa, que pode perder parte de sua força identitária ao ser retirada de seu contexto original. A mudança levanta debates sobre a centralização dos eventos culturais, a invisibilização das periferias e a necessidade de políticas públicas que fortaleçam a cultura nos espaços onde ela nasce e resiste.

Portanto, compreender o percurso do "Maior São João do Cerrado" é também refletir sobre o papel da cultura como instrumento de pertencimento e transformação social. Mais do que uma festa, o evento se consolidou como um símbolo da potência cultural da Ceilândia e da periferia do Distrito Federal, um espaço onde tradição e resistência seguem caminhando lado a lado.

## **PATRIMÔNIO CULTURAL POPULAR DE CEILÂNDIA**

A cultura popular em Brasília é marcada por sua diversidade, reflexo das múltiplas origens das pessoas que vieram construir e ocupar a capital. Diferente de outras cidades

brasileiras com tradições formadas ao longo dos séculos, Brasília é uma cidade jovem, em constante formação identitária.

Nesse cenário diverso, a influência nordestina ocupa um lugar de destaque, principalmente na região administrativa de Ceilândia. A presença cultural do Nordeste é tão forte que a capital já foi apelidada de “capital nordestina do Centro-Oeste”. Em Ceilândia, essa herança se manifesta em locais simbólicos, como a tradicional Feira da Ceilândia, ponto de encontro para quem busca comidas típicas, forró e produtos regionais, e também na Casa do Cantador, espaço dedicado à música, poesia e manifestações populares como o repente e a embolada.

Foi nesse contexto que surgiu o São João do Cerrado, uma das maiores festas juninas do Distrito Federal. O evento se consolidou como um importante símbolo da valorização da cultura nordestina, chegando a ser a maior festa junina fora de época do Brasil e a terceira maior do país, atrás apenas das celebrações de Campina Grande (PB) e Caruaru (PE).

No entanto, em 2024, a festa deixou de ser realizada em Ceilândia. A organizadora, Edilane Oliveira, presidente do Instituto Brasileiro de Integração (IBI), justificou a mudança afirmando que o terreno onde o evento ocorria foi vendido e que, mesmo após tentativas de negociação com a administração local e o Governo do Distrito Federal, não foi possível encontrar outro espaço adequado na região.

A transferência gerou indignação entre moradores e artistas locais, que interpretaram a decisão como um apagamento simbólico da identidade cultural de Ceilândia. A cidade, que é a mais populosa do DF e concentra uma grande parcela da população nordestina, sempre foi o berço dessa celebração. Em 2024, o evento gerou cerca de 1.500 empregos diretos e 5 mil indiretos, movimentando a economia e fortalecendo pequenos empreendedores e produtores culturais. Com a mudança para o Plano Piloto, muitos desses trabalhadores ficaram sem saber se conseguiriam participar da nova edição, e ainda enfrentam custos mais altos para se deslocar até o centro da cidade.

Mais do que uma questão de estrutura, a saída do evento representa uma perda simbólica. O São João do Cerrado faz parte da identidade de Ceilândia, assim como a Via Sacra é símbolo de Planaltina e a Festa do Morango é tradicional em Brazlândia. Levar o evento para o centro da capital reforça uma lógica que desvaloriza a cultura periférica e

a torna legítima apenas quando está nos grandes centros urbanos, em espaços mais elitizados.

Essa mudança dificulta o acesso do público que sempre participou do evento, tanto pelas barreiras financeiras quanto pela falta de infraestrutura de transporte e segurança nas áreas centrais. Ceilândia, reconhecida oficialmente como a “Capital Nordestina do DF”, perde não só um evento, mas uma parte de sua expressão cultural mais viva.

O deputado distrital Max Maciel, eleito em 2022, destacou a importância de políticas públicas que garantam a permanência e o fortalecimento das manifestações culturais nos territórios onde elas nascem. Para ele, é essencial que o governo invista em espaços e ações que valorizem a cultura do Cerrado nas periferias do DF.

A cobertura da imprensa sobre o tema foi dividida. Veículos como Correio Braziliense e Metrópoles divulgaram os motivos oficiais da mudança, mas também deram espaço para as críticas feitas por representantes da Ceilândia. Nas redes sociais, a mobilização foi intensa. Páginas comunitárias e perfis dedicados à cultura periférica denunciaram o que consideram mais um episódio de centralização cultural em Brasília. A hashtag #SãoJoãoÉDaCeilândia ganhou força no Instagram e no X, antigo Twitter, expressando o sentimento coletivo de perda e resistência.

É importante lembrar que há poucas opções de lazer e cultura gratuitas nas regiões administrativas do DF. Quando existem, o acesso é complicado, com transporte público limitado e preços elevados, que não condizem com a realidade de boa parte da população. Enquanto isso, a gestão do governador Ibaneis Rocha segue na contramão, retirando iniciativas culturais das periferias e dificultando a mobilidade urbana, como no caso da privatização da Rodoviária do Plano Piloto.

A mudança do São João do Cerrado não é apenas geográfica. Ela representa uma escolha política que impacta diretamente na economia, na autoestima e na identidade de um povo. Preservar e fortalecer a cultura popular é garantir que ela continue existindo em seus territórios de origem, com acesso, respeito e investimento público.

## **DESIGUALDADE CULTURAL NO DISTRITO FEDERAL E O PAPEL DAS POLÍTICAS PÚBLICAS**

Alvo de uma negociação de portas fechadas e sem consulta pública, o festival “Maior São João do Cerrado” que ocorre na Ceilândia há 17 anos, teve seu local alterado para a Esplanada dos Ministérios, 30 km de distância da região de origem. Edilane

Oliveira, produtora e idealizadora do projeto, anunciou essa importante decisão que impacta a cidade em uma live do Instagram

Ceilândia surge em um momento crítico da construção de Brasília, evidenciando o fracasso do urbanismo moderno em integrar periferias. Cerca de 20% da população do Distrito Federal vivia em favelas sem estrutura básica e a criação da Ceilândia em 1971 foi um ato de remoção forçada de comunidades pobres, especialmente nordestinas, sob a justificativa de “ordenar” o espaço urbano. Ceilândia é a maior região administrativa do DF e um epicentro da cultura nordestina no Centro-Oeste.

Em 2019, por meio da Lei nº 6.474, Ceilândia foi reconhecida como a Capital da Cultura Nordestina do Distrito Federal, em homenagem à sua forte identidade cultural ligada às tradições do Nordeste brasileiro. O Maior São João do Cerrado, com seus forrós, quadrilhas e xilogravuras, consolidou-se como um ato de reafirmação identitária para essa comunidade. Sua mudança para a Esplanada dos Ministérios, esvazia o vínculo comunitário e reproduz a lógica de segregação socioespacial.

Peres e Saboya (2024) define segregação socioespacial como “um processo no qual os contatos presenciais entre grupos sociais distintos são minimizados, dificultados e/ou restringidos como consequência de condições espaciais intencionais, espontâneas ou imprevistas.”

Nas redes sociais do evento, a repercussão ganhou desaprovação do público que reivindica o retorno da festa a suas origens nordestinas e periféricas que são parte constitutiva da cultura brasiliense. Edilane Oliveira considera a Esplanada dos Ministérios um espaço democrático para esse festival, mas criar-se um paradoxo, pois embora simbolicamente “pública”, é distante geográfica e culturalmente das periferias, transforma uma festa orgânica em um evento turístico, institucionalizado e inviabiliza a participação massiva de moradores da Ceilândia.

Enquanto o Plano Piloto concentra a maior parte dos equipamentos culturais como: teatros, museus e centros culturais de grande porte, as Regiões Administrativas (RAs), como Ceilândia, Samambaia e Sol Nascente, enfrentam carências significativas de infraestrutura urbana e cultural, além de menor visibilidade midiática e institucional.

Canedo (2009), ressalta a importância do Estado em dar suporte as várias manifestações culturais, sejam elas clássicas, eruditas e populares; profissionais e

experimentais; consagradas e emergentes; e dar o devido reconhecimento as dinâmicas inovadoras de movimentos sociais, comunitários, religiosos, étnicos ou de gênero.

A Constituição Federal de 1988 estabelece, nos artigos 215 e 216, que é dever do Estado garantir a todos o pleno exercício dos direitos culturais, bem como proteger as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras (BRASIL, 1988).

A comunicação pública é extremamente importante para a construção de políticas transparentes e democráticas, especialmente quando se trata de decisões que impactam diretamente a vida cultural e econômica de uma comunidade.

Comunicação pública segundo Brandão (2009, p. 5), trata de “uma forma legítima de um governo prestar contas e levar ao conhecimento da opinião pública projetos, ações, atividades e políticas que realiza e que são de interesse público”. Ela garante que a comunidade local exerce sua cidadania ao ter a oportunidade de participar dos processos decisórios.

Comunicação pública é o de direito à informação [...] porque é um meio para acesso a outros direitos referentes a cidadania. Informação é a base primária do conhecimento, da interpretação, do diálogo, dá decisão.” (Duarte, 2007, p. 62)

A mudança do São João da Ceilândia mostrou como a falta de comunicação pública fragiliza a democracia: sem diálogo e participação, decisões culturais tornam-se imposições, não construções coletivas. A concentração do evento na Esplanada privilegia um público distante das raízes periféricas do festival, contrariando o princípio de “valorização da diversidade étnica e regional”. E o Estado não resolveu a falta de infraestrutura em Ceilândia, como a ausência de um centro cultural adequado, priorizando um espaço centralizado, o que fragiliza o dever de “apoiar e incentivar” manifestações locais.

A mudança de uma festa tão tradicional para uma população, descaracteriza a identidade da comunidade nordestina local e a decisão ser unilateral, sem consulta efetiva dos moradores da Ceilândia na prática, nega o direito à cultura como expressão territorializada e democrática. Assim, é necessário refletir se as políticas culturais vigentes têm de fato promovido a democratização da cultura ou se acabam, ainda que de forma não intencional, por reforçar desigualdades históricas.

## O SÃO JOÃO DO CERRADO É DA CEILÂNDIA

A retirada do São João do Cerrado de Ceilândia para o Plano Piloto não é apenas uma mudança de endereço. É um golpe simbólico na cultura popular que floresceu nas periferias. A festa, marcada pela força da tradição nordestina e pela identidade da comunidade ceilandense, agora se vê afastada de seu berço original. Embora se aleguem motivos estruturais, a real consequência é a desvalorização de quem sempre sustentou esse evento com paixão e resistência.

O impacto vai além da programação junina. Ceilândia perde projeção, renda e, principalmente, o direito de celebrar sua própria história. Levar a festa para o centro de Brasília reforça a lógica de que a cultura só tem valor quando ocupa espaços legitimados pelo poder — distantes da realidade que lhe deu origem. Mais uma vez, a periferia é deixada à margem, mesmo sendo o verdadeiro motor da vida cultural do DF.

A decisão evidencia uma estrutura de cidade que ainda reproduz desigualdades. A cultura popular, mesmo vibrante nas regiões mais afastadas do centro, só parece merecer atenção quando transferida para áreas mais visíveis. O que nasce na periferia é frequentemente apagado quando se busca reconhecimento institucional.

Com essa mudança, Ceilândia não perde apenas um evento. Perde um símbolo. Um espaço de afirmação, pertencimento e orgulho. O São João do Cerrado deixa de ser um reflexo da comunidade para se transformar em espetáculo deslocado, distanciado de suas raízes.

Por isso, é urgente repensar como políticas culturais são formuladas. Eventos dessa relevância devem ser construídos em diálogo com a população que os criou e sustenta. Só assim será possível preservar a autenticidade de manifestações como o São João do Cerrado e garantir que a cultura do Distrito Federal continue viva, diversa e conectada com suas origens.

## REFERÊNCIAS

BETTIO, Lúcia. **Identidade e cultura:** uma abordagem antropológica. Brasília: Editora da UnB, 2000.

BRANDÃO, Elizabeth Pazito. Conceito de Comunicação Pública. IN DUARTE, Jorge. (org.) **Comunicação Pública**: Estado, Mercado, Sociedade e Interesse Público. Jorge Duarte (org). São Paulo: Atlas, 2009. p. 1-33

DUARTE, J. **Comunicação pública: Estado, mercado, sociedade e interesse público**. São Paulo: Atlas, 2007.

CANEDO, Daniele. **Cultura é o quê?** Reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos. V ENECULT, v. 5, p. 1-14, 2009.

**CEILÂNDIA** ganha título de Capital da Cultura Nordestina no DF. Disponível em: <https://bit.ly/46xFhen>. Acesso em: 18 jun. 2025.

CORREIO BRAZILIENSE. **Festa São João do Cerrado deixa Ceilândia e vai para o Plano Piloto**. Brasília, 2024. Disponível em: <https://www.correobraziliense.com.br>. Acesso em: 18 jun. 2025.

\_\_\_\_\_. **São João do Cerrado terá edição no Plano Piloto.** Disponível em: <https://www.correobraziliense.com.br>. Acesso em: 18 jun. 2025.

DISTRITO FEDERAL. Governo do Distrito Federal – GDF. **Casa do Cantador**: símbolo da cultura nordestina em Ceilândia. Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.cultura.df.gov.br>. Acesso em: 18 jun. 2025.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: ZAHAR EDITORES, 1973.  
INSTITUTO BRASILEIRO DE INTEGRAÇÃO – IBI. **Nota oficial sobre a mudança do São João do Cerrado**. Brasília, 2024. Disponível em: <https://www.ibibrasil.org.br>. Acesso em: 18 jun. 2025.

JORNAL DE BRASÍLIA. **São João do Cerrado pode deixar Ceilândia**. Disponível em: <https://jornaldebrasilia.com.br>. Acesso em: 18 jun. 2025.

METRÓPOLES. **Moradores criticam saída do São João do Cerrado de Ceilândia**. Brasília, 2024. Disponível em: <https://www.metropoles.com>. Acesso em: 18 jun. 2025.

O “MAIOR SÃO JOÃO DO CERRADO”, maior festa junina fora de época do país, se afasta de suas raízes nordestinas e periféricas. Disponível em: <https://bit.ly/3VoOjVQ> Acesso em: 18 jun. 2025.

PERES, O. M.; SABOYA, R. Segregação socioespacial, morfologia da expansão e fragmentação socioeconômica em cidades brasileiras de porte médio. urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana, v.16, e20230192. 2024. <https://doi.org/10.1590/2175-3369.016.e20230192>

RAJAB, Y. **Entenda por que O Maior São João do Cerrado não será em Ceilândia.** Disponível em: <<https://www.metropoles.com/entretenimento/entenda-por-que-o-maior-sao-joao-do-cerrado-nao-sera-em-ceilandia>>. Acesso em: 18 jun. 2025.

REDE SOCIAL INSTAGRAM. **Publicações com a hashtag #SãoJoãoÉDaCeilândia.** 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com>. Acesso em: 18 jun. 2025.

TYLOR, E. **Primitive Culture Volume 1.** Mineola, NY, USA: Dover Publications, 2016.

VICTOR, N. **Implantação de Ceilândia foi o apartheid de Brasília.** Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/brasil/implantacao-de-ceilandia-foi-o-apartheid-de-brasilia>>. Acesso em: 18 jun. 2025.